

A CORRUPÇÃO E A VIOLÊNCIA EM UMA SOCIEDADE BASEADA NA MERCADORIA

Ítalo Rosendo

Ítalo Rosendo é Advogado.

Como a cultura monetária e de consumo acentuam o desvio ético? A atual sociedade de hiperconsumo expandiu o caráter de mercadoria¹ a tudo que possa servir a interesses comerciais; ou seja, tudo e qualquer coisa. O melhor exemplo contemporâneo é a comercialização de “frascos de ar puro” na capital chinesa², que cada dia bate recordes de nível de poluição do ar, quase inviabilizando a vida humana que lá serve, literalmente, apenas como engrenagem na cadeia produtiva de bens para o crescimento econômico.

Nossa comida e alimentação - salvo se você planta o que come - é uma mercadoria que para ser adquirida necessita ser trocada por seu equivalente expresso em dinheiro. A luz de nossas casas - salvo se você boicota através de um gato - deve ser pago através de dinheiro. A água que consumimos, a cama que dormimos, o ventilador que nos refresca, o livro que estudamos, o brinquedo que presentearmos, dentro da sociedade mercadológica, é negociado através do dinheiro, que seria um facilitador do

¹ A mercadoria é tudo aquilo que é voltado ao mercado, considerado o valor de troca (não confundir com valor de uso) de determinado produto ou prestação de um serviço, reduzido a uma expressão monetária, sendo considerado sua equivalência geral abstrata do trabalho social necessário, tem em vista os limites específicos de cada região do globo e como o monopólio global influencia circunstâncias geopolíticas, para mais ou para menos - sendo, no entanto, sempre presente.

² <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/12/chineses-pagam-ate-r-200-por-garrafa-de-ar-puro-para-frear-poluicao.html>. (...) A revista “*The Economist*” disse que respirar o ar de Pequim pode causar o mesmo estrago que fumar quarenta cigarros por dia. Por isso, tem gente até vendendo ar. Um restaurante foi pego cobrando taxa de ar puro na conta. O dono instalou um filtro de ar e começou a cobrar o equivalente a cinquenta centavos pelo “serviço”. As autoridades disseram que a cobrança é ilegal. Mas os chineses tentam de tudo. (...).

escambo na sua forma superada mais complexa, considerando os exemplos aqui apresentados, e que nos limitaremos.

Toda a sociedade é moldada para que ela se adeque a uma vida baseada no sistema monetário (e isso não significa que adequar o sistema monetário à sociedade seja uma solução).

É flagrante e talvez nos passe despercebido pelo hábito, afinal, estamos todos inseridos nessa sociedade, crescemos sob sua influência ideológica e cultural.

Todos os indivíduos são bombardeados por essa influência superestrutural diariamente, uns mais outros menos, inseridos na sociedade ou até mesmo marginalizados³.

O ser social da sociedade de hiperconsumo de mercadoria desde sua tenra idade é doutrinado que ele só é ser social e terá aceitação em seu convívio como tal, se ele “ter”. É decretado que o não ter é o não ser. E todos queremos ser, consciente ou inconscientemente. E as condições materiais não são iguais a todos para permitir que “se seja” tendo.

Todos são, no entanto, bombardeados pelas propagandas televisivas, a despeito de carros que farão você ser mais elegante ou aventureiro (como se a função do veículo não fosse levar do ponto A ao ponto B), sobre tênis que farão você mais esportivo, ou camisas que te deixarão mais descolado. Álcool e supersexualização de mulheres, que é sinônimo de diversão com os amigos do gênero masculino. O outdoor indica onde você deve fazer um lanche com um sorriso magro-saudável, mesmo que os componentes que os constitua sejam nocivos a saúde de qualquer ser vivo, e isso já seja inconteste há muito tempo. A educação é um produto, as escolas e as universidades públicas, cada vez mais precárias, são um contraponto aos centros educacionais privados, que moldam seus alunos para se destacar no Mercado: para ter um bom emprego, um bom salário, uma boa vida.

³ Enquanto a margem da sociedade enquanto não inseridos num contexto social mínimo de inserção econômica e/ou produtiva. Pode ser considerado enquanto lumpemproletariado, pessoas na miséria.

Revista Posição

Enfim, em todos os lugares, de várias formas, objetivas ou subliminares, somos educados e induzidos ao consumo: de bens, de serviços, de coisas e de pessoas, de ideias e de discursos.

O ter é que constitui o ser e não se é enquanto não se tem. Como então uma sociedade voltada ao hiperconsumo, que objetifica sentimentos e pessoas, reduzidas a expressões e interesses monetários, se relaciona com a corrupção e a violência social? É necessário distinguir minimamente os dois pontos.

Vamos conceber aqui para a presente dissertação violência social enquanto ato criminoso para aquisição de um ou mais bens, se incluindo o dinheiro, mediante violência a pessoa ou não. Roubo, furto, extorsão, sequestro para recompensa etc.

Corrupção enquanto aspecto geral de fraude a um determinado procedimento para enriquecimento ilícito: solicitar suborno, desvio de dinheiro público ou privado etc.

A violência social é hodiernamente – sendo doutrina majoritária na sociologia – associada a pobreza, sendo que sua ocorrência e frequência se agrava conforme mais destituído de condições materiais de existência. Até aqui se trata de um fato, vamos nos debruçar nos porquês logo em seguida.

Já a corrupção está mais associada às classes mais altas, não necessariamente as grandes elites, embora ela também se inclua na presente exemplificação. Quem suborna um guarda de trânsito é por que tem dinheiro mínimo para tanto, quem faz caixa 2 em uma empresa geralmente é alguém associado a um cargo de confiança e com maior poder de influência, quem faz lobby no congresso são políticos oligarcas que servem outros oligarcas (lobby rural, armamentista, etc.).

Até aqui fica fácil fazer distinções do modus operandi tradicional que se observa empiricamente: as classes mais baixas quando para executar um ato criminoso, recorre com mais frequência a violência; as mais altas, recorrem com mais frequência a fraudes, procedimentos clandestinos ou até mesmo da “legalidade” para validar condutas que beneficiam a si próprios e seus comparsas (aprovação de aumento de salários e benefícios a perder de vista por parte do poder legislativo e judiciário, por exemplo).

Mas qual o objetivo final dos dois então aqui considerados? Aumentar o patrimônio pessoal.

Além da atual sociedade incentivar e doutrinar o hiperconsumo, ela tem características específicas enquanto momento histórico inerente as ideologias neoliberais em dialética com o pós-modernismo: competição, egoísmo, individualismo.

Temos uma sociedade de massa desprovida de formação intelectual de qualidade; filosófica, econômica e política, que diariamente através de uma construção no tempo criou e moldou indivíduos para acreditar que a forma de vida adequada é a forma de vida vigente, qual seja, a vida sob a propaganda e o consumo, a vida enquanto sociedade baseada na mercadoria e no dinheiro para conquistar a mercadoria, na mercadoria enquanto condição *sine qua non* da existência do ser para si mesmo e para os outros que constituem seu ciclo social. E isso para todas as classes sociais, pois se trata de uma ideologia dominante.

A mesma forma de vida é apresentada e “vendida” a pessoa que mora em um barraco de madeirite de um cômodo 5x5m com mais 4 pessoas e ao cidadão de bem que nasceu em um condomínio o qual o valor do imóvel ultrapassa a renda da vida de outros.

A forma a qual lidamos com essa realidade depende minimamente da formação de cada um e sua mentalidade.

É de praxe os “ótimos exemplos” bradarem: “cresci da miséria, fiz meu mundo, e sou um exemplo de que para a ascensão social não é necessário agir na ilicitude! Pobreza não é sinônimo de bandidagem, desculpa de quem não quer trabalhar! “. Quando não vem acompanhado com uma dedicatória a fé no deus que o ajudou a chegar lá. Isso é ótimo e merece palmas até a primeira virgula. As exceções são importantes para criar a ilusão de que “também se pode chegar lá, está tudo bem, se esforce”, e tudo permaneça como está.

No entanto para crimes os popularmente chamados de “colarinho branco”, a repercussão é diferente, normalmente associado a moral do indivíduo que é flagrado,

Revista Posição

gerando um repúdio, mas dificilmente associado a sua posição enquanto classe ou uma condenação social mais veemente e ‘radicalizada’. A coisa pública e sua administração têm menor valor e repugnância quando lesada que a consequência privada particular direta.

De qualquer modo, a motivação de ambos, no entanto, é a mesma, a vantagem econômica, o aumento do patrimônio: o pobre quer ser menos pobre, e quando o deixa de ser, quer ser mais rico; o mais rico quer ser mais rico. Todos buscam o “ser” mais.

A criminalidade, assim, em todas suas vertentes, é consequência direta a estrutura econômica que distingue socialmente os indivíduos que compõe a sociedade.

Enquanto houver concentração de renda, marginalização, equivalência material e social pautada em critérios monetários, enquanto a propriedade privada dos meios de produção for associada a monopólios e oligopólios a serviço de interesses privados de determinados grupos, a sociedade continuará sob maior influência do hiperconsumo inconsciente, a cultura do ser enquanto ter, e a condutas de indivíduos, de todas as classes, que buscam aumentar seu próprio patrimônio, enquanto ser individualizado que não se reconhece em um grupo coletivo fraterno, justo e solidário, como preconiza a Constituição Federal do Brasil em seu primeiro objetivo fundamental.